

A Inimitável Fábrica de Jipes



Turne Acústica Européia¹ (2009/2010)

¹ Dedico essas memórias a Paulo Leminski, irmão paranaense convicto e inspirador, que como singular herança nos deixou que isso de querer ser exatamente aquilo que a gente é ainda vai nos levar além.

Índice

Os Motivos.....	03
O Caminho da Fama.....	04
Investimento com Retorno.....	07
Primeira Parada: Londres (Inglaterra).....	10
Segunda Parada: Paris (França).....	13
Terceira Parada: Amsterdam (Holanda).....	17
Quarta Parada: Bruxellas (Bélgica).....	20
Quinta Parada: Berlim (Alemanha).....	23
Sexta Parada: Praga (República Tcheca).....	26
Sétima Parada: Vienna (Áustria).....	30
Oitava Parada: Roma (Itália).....	33
Equipamentos de Viagem e Dicas em Geral.....	37
Ranking Pessoal.....	40
Resumo da Turnê.....	41
Agradecimentos.....	42

Os Motivos

Um artista deve ser artista em qualquer lugar. Não é preciso um belo cartaz, luzes de holofotes ou longas matérias nas revistas da moda para ser um artista. Ser artista é uma opção de vida, ser famoso é um lance de dados do destino. Ainda, ser famoso pode acontecer para qualquer um, seja você talentoso ou não. O artista puro deve criar cotidianamente, deve buscar aperfeiçoar a sua visão/entendimento e, acima de tudo, deve expressar a sua arte das mais diversas formas e maneiras. O artista deve sentir o mundo. O artista genuíno nunca tira férias.

Milhares de médicos, arquitetos, engenheiros, físicos e tantos outros profissionais de tantas outras belas profissões desempenham dia-a-dia a sua arte. Porém, apenas alguns poucos são efetivamente notados e conhecidos pela grande legião de leigos. Alguns poucos profissionais levam o louro da fama. Outros, no seu anonimato, escondidos na sua labuta, fazem a máquina do mundo girar. Imagine se todos esses profissionais, desanimados pela falta de fama ou reconhecimento decidissem parar? O caos estaria instalado.

Por aqui, percebe-se que muitos começam nas artes com o objetivo arcaico de buscar a fama. Daí, nessa busca desesperada de reconhecimento, surge o mais lastimável: o esquecimento da arte em si. Não buscam genuinidade, mas sim, a imitação do que está em voga nos veículos tendenciosos e domesticadores de massa. É o caminho fácil para chamar a atenção, para ser a bola da vez. Bola da vez que daqui a pouco vai estar na caçapa e trancada para sempre dentro da mesa de bilhar. Há pouco estudo, muita cópia e pouca inspiração. Nada de novo no front, diria Remarque.

Pior do que os pseudo-artistas que buscam a fama com suas cópias baratas só mesmo os pseudo-críticos de arte. O cara nunca sentiu o cheiro de uma tinta e se sente habilitado para opinar sobre arte abstrata. Outro não sabe o que é uma fermatta e se sente um grande teórico moderno de música contemporânea. Enfim, o pior de tudo é que há um batalhão de cegos que aguardam afoitos as sugestões inúteis nos blogues desses grandes boçais “self-masturbators”.

Deixa eu dizer uma coisa, só para você, meu caro leitor. Sou engenheiro de estruturas e músico. Tenho registro profissional tanto no CREA quanto na OMB. Pago meus impostos em dia. Estudo música e concreto estrutural desesperadamente. Todos os dias acordo pensando em estruturas, sejam elas musicais ou arquitetônicas. Tenho 34 anos, uma mulher maravilhosa e um cachorro chamado Ozzy. O nome da minha banda é A Inimitável Fábrica de Jipes. Evidentemente, o seu vizinho nunca ouviu falar da minha banda de rock e provavelmente nunca irá. Mas tenha paciência e me deixe explicar os porquês dessa minha hipótese, nem um pouco abstrata. Se você tiver paciência de ler esse texto até o final vai entender um pouco mais do submundo da música brasileira e européia, e assim como eu, vai se surpreender com as suas novas descobertas.

O Caminho da Fama

Em primeiro lugar, vejamos os custos embutidos para você ter uma carreira artística reconhecida perante à grande massa brasileira. Evidentemente, tal motivo se dá, na maioria das vezes, por culpa de uma mídia bastarda, sensacionalista e lobbista. Observe que a nossa necessidade natural normalmente exige uma bunda hiper-maxi-mega gostosa para que se consiga dar um belo foda-se ao anonimato. Não tenho uma bela bunda e tampouco me imagino colocando várias beldades de suculentos rabos dançando coreograficamente ao som das minhas composições. Não que eu não goste de uma bunda, alias eu adoro uma, mas acho isso um pouco de apelação.

Bom, mas se você não tem uma bela bunda, mesmo assim não é difícil você chegar lá e ficar famoso e rico aqui no Brasil com a sua arte. Vejamos só. No campo da música, basta você pagar algo em torno de R\$50.000,00 para ver sua música tocando na rádio da sua cidade. Isso pode acontecer exaustivamente durante dois meses ou menos. Evidentemente, deve-se alertar que o valor acima tem sido verificado aqui no Paraná. As duplas românticas caipiras sabem melhor quanto custa esse preço, inclusive com as casas decimais depois da vírgula. No caso de São Paulo e Rio, evidentemente, centro da nossa melhor produção cultural, afinal o interior parece não existir, a referida cifra tende a ser bem mais inflacionada.

Se o povo gostar da música que você pagou para colocar no rádio e começar a comprar seu disco e frequentar os seus shows será uma maravilha. Mas se der errado, você dançou meu amigo. Música de rádio no Brasil é mais instável do que a bolsa de valores. Conselho, arrisque pagar o jabá se o seu som estiver próximo da moda. Se não estiver será prejuízo na certa.

Alguém aí assistiu ou acompanhou a Garagem do Faustão? Disseram que descobriram uma cantora/compositora excelente no anonimato. Ela era de Minas. Mina de minas deve ser underground mesmo. Brilhante. Eu até aumentei a tevê. Tudo ia bem, até ela dizer que tinha gravado um disco com o Marcelo Susseking. Que fora hein, mineira? Que vacilo hein, Faustão? Dá uma googleada para ver quem o nosso amigo Marcelo já produziu...Tão querendo me sacanear, né? Daqui a pouco vão querer me convencer que o NX Zero não fez plágio, mas sim versões em português autorizadas de bandas emos americanas.

Bom, mas tem outros caminhos bacanas para ficar famoso e rico aqui no Brasil. Os caminhos serão mais são curtos se você bater uma bola legal, se tornar político, vender drogas, abrir uma igreja ou um cartório. Enfim, estudar aqui no Brasil é bobeira se você está atrás de fama e dinheiro. O caminho é muito longo e cansa pacas. Veja meu caso. Eu tenho sexto grau completo e achava que ia ficar rico quando comecei a me debruçar desesperadamente sobre os livros. Pelo menos conquistei uma vida estável de funcionário público e me orgulho de ser pesquisador financiado pelo Cnpq e pela Fundação Araucária.

Ah, mas espera lá eu estou fugindo do assunto. Vamos voltar ao caminho da fama através da música. É nisso que eu quero focar essa passagem. É esse o foco do texto. Olha lá molecada montando banda: Nem tudo está perdido. Agora existe o underground brasileiro se consolidando. É a união das bandas de garagem, lideradas por cabeças organizadas e pensantes aglutinadas sob a visionária sigla de ABRAFIN. Não sei porquê, mas sempre penso comigo, que deveria ser ABRA-FIM, numa homenagem a Moises abrindo o mar vermelho. Mas vamos lá. É uma alternativa de sair do underground por dentro do underground. É mais ou menos como um pintinho que nasce e vive dentro do próprio ovo.

O esquema é super maneiro. Você traz os caras que comandam o lance para tocar na sua cidade e daí eles te levam para tocar lá na cidade deles. Você também entra no esquema dos grandes festivais. Se não me engano, as cidades satélites do movimento são Goiânia e Campo Grande. Mas espera lá, agora o movimento também está migrando para outras capitais. Inclusive tem cidades do interior que se acham capitais no esquema. Londrina é uma delas.

Nossa, muito maneiro esse esquema. Funciona mesmo, né? O problema é que quando as bandas “mainstream do underground unido” são convidadas para tocar na sua cidade você tem que pagar transporte, alimentação, hospedagem, bebida e cachê. Daí, quando é a sua vez de ir tocar na cidade deles, possivelmente vão te emprestar apenas um palco e o nome no cartaz. Você se vira com o resto, meu amigo. Já gastei vários cds para ver se conseguia tocar nesses festivais. Evidentemente não deu certo. Não recebi sequer uma carta ou e-mail, agradecendo o envio do material da minha banda.

Ah, já ia esquecendo, não é qualquer um que pode entrar no esquema não. Tem que ter indicação. É aquilo que desde o passado acostumamos chamar de padrinhos. Eu, escrevendo essas linhas, notoriamente morrerei com minha banda enterrada no limbo. Não ligo, apenas não me venham dizer que existe um underground em consolidação e que a coisa é pluralista, revolucionária e democrática. Não é não. Esse papo de cena independente se organizando e crescendo, com inumeros festivais é apenas para o benefício de alguns poucos espertos que se apoiam na inocência de uma massa sodomizada por jornalistas infiltrados em alguns veículos maiores de comunicação.

Já percebeu que os maiores festivais sempre circulam a mesma meia dúzia de bandas? São sempre as bandas dos cabeças do esquema ou então as bandas da rapaziada ociosa que fica o dia inteiro na frente do computador fortalecendo sua rede de amiguinhos virtuais. Eu sou do tempo do corredor polonês e do polícia e ladrão, tá ligado mano? Na minha época a gente chamava isso de panelinha e arrebetava logo na porrada. Quem cuspiisse primeiro na mão do juiz de briga saía com “sangue nos zóio” para a pancada.

Hoje estão chamando panelinha de circuito ou associação. Puro eufemismo. Já percebeu que até os veículos de comunicação na maioria das vezes só dão espaço para o pessoal que está conectado de alguma maneira ao esquema ABRAFIN? É a aliança do underground partidário com o jornalismo pobre.

Jornalismo sem pesquisa que dissemina que só quem é conectado a esse satélite anda fazendo coisa boa aqui nas terras descobertas por Cabral. Estudem caramba. Chega de preguiça. Não estou querendo parecer o Olavo de Carvalho, mas eu precisava definitivamente desabafar.

E quanto a vocês, moçada das panelas, abram as portas caramba. A ideia de vocês é maravilhosa, vigorosa, estimulante, inspiradora e visionária. Mas vamos trabalhar juntos. Vamos dar oportunidade para que efetivamente se fortaleça um cenário independente. Pensem nisso, com o coração mesmo, e deixem de fortalecer apenas alguns poucos grupos conectados às lideranças. É só isso. Simples e fácil. Do que precisarem, contem conosco. A crítica é só para que vocês saibam, pela enésima vez, que muita gente não anda confortável com a pequena maçonaria que vocês montaram.

Deixe me ser um pouco mais profundo. Por aqui já trouxemos muita gente, gente boa até, gente com boa visibilidade e tal. Além de gostarmos dos “artistas” também nos empenhamos com a expectativa de um intercâmbio. Quebramos a cara feio. Trabalhamos feito camelo e continuamos ancorados em Maringá. Eu digo, não rendeu absolutamente nada. Graças a Deus, algumas pessoas nos tiraram daqui algumas vezes, em especial meus agradecimentos ao Beto Vizotto com o Paraíso do Rock e ao Sandro Saraiva do Sesc Vila Mariana, onde gravamos nosso DVD ao vivo.

Mas voltando à explanação anterior. Trazer uma banda de fora ou do dito circuito independente pode te trazer riscos enormes. Você gasta dinheiro do próprio bolso e pode se dar muito mal. Graças a Deus, sempre ele, armamos um circo aqui em Maringá em 2009 e, com apoio do DCE (Diretório Central do Estudantes) e da ADUEM (Associação dos Docentes da Universidade Estadual de Maringá), conseguimos enfiar 2500 pessoas para assistir um festival com as bandas da cidade e com a banda do Paulão, as Velhas Virgens.

Choveu muito no dia do festival e por muito pouco mesmo o Circo não saiu voando pela cidade (na verdade o vento levaria o palco de um outro festival ao chão algumas semanas depois). Lama, rock e o coração na mão (para não dizer aquela palavra de duas letras), já que a responsabilidade estrutural do circo era minha, juntamente com parcela da responsabilidade financeira. Se não tivesse dado certo o prejuízo seria grande e certamente eu não estaria aqui escrevendo esse ensaio sobre a ilusão que domina o circuito udigrudis.

Investimento com Retorno

Após perceber que a gente vinha aplicando muito esforço nas furadas de trazer bandas de fora sem receber em troca o devido retorno (entenda-se retorno como a simples possibilidade de poder tocar fora de Maringá), percebi que o risco poderia ser transformado em uma alternativa muito mais segura e divertida. Dessa maneira, armei o meu violão, separei adesivos, cds, dvds e parti em lua-de-mel para tocar em oito países europeus, sem ter absolutamente nada agendado.

Tocar fora do Brasil não é mérito nenhum. Inclusive algumas bandas de destaque do cenário underground, como Autoramas e Vanguard, já tiveram seus dias musicais no velho mundo. O que muda no meu caso é o fato de que não havia nada agendado. Foi loucura pura mesmo e o indescritível peso de carregar um hard case e várias malas em ruas banhadas de neve. Espírito batizado no “do yourself” mesmo. Óleo de peroba na cara e vamos lá. Não quer ser artista? Então já comece convencendo os donos dos bares pelos quais você passar.

Toquei em todo tipo de lugar: praças, estações de trem, estações/vagões de metrô, bares e cafés. O objetivo era claro: sempre apresentar as músicas da Inimitável Fábrica de Jipes. O ideal era refinar a minha própria arte e, em países com línguas estranhas ao nosso belo português, observar a reação das pessoas em relação a determinadas canções. Posso dizer uma coisa. Sai mais barato fazer o que fiz do que trazer uma banda de destaque no underground que você não sabe se vai dar 30 ou 3000 pagantes.

Além disso, já tinha tido uma bela experiência nos Estados Unidos, quando toquei em praça pública em Chicago e presenciei “On the Road para São Thomé” ser pedida ao vivo por ninguém menos do que Art Alexakis do Everclear. Esse é outro detalhe interessante. Músico famoso por aqui se acha Deus. Será que o ego dos nossos artistas em evidência seria tão generoso a ponto de fazer o mesmo que um Art Alexakis fez após me encontrar na rua quando eu voltava pançudo do restaurante chinês? Primeiro, os artistas por aqui se escondem, não há diálogo. Segundo pega mal falar de qualquer coisa que não seja deles mesmos. Ah, ia esquecendo, tem muita banda do underground que já acha que faz parte do estrelato e se comporta como tal.

Vamos em frente. Alguém por ai viu o MTV Apresenta a maneira pela qual o Cachorro Grande, se dirigiu ao Rodrigo Guedes (Grenade, New Ones) em um dos episódios? - “Ai molecada, vocês estão no caminho certo! Mandando rock mesmo hein!”. Molecada? Pois é, as bandas que estão circulando na mídia, em evidência, talvez nunca ouviram um disco do Killing Chainsaw ou do Second Come. Se você nunca ouviu falar de Piracicaba, novamente dê uma googleada para saber o que já rolou por lá. Vai entender porque alguns escorregam tratando dinossauros de “molecada”. Cadê a humildade?

É por isso que é fácil um Marcelo D2 ser exemplo de pai e sambista (virge!) para a nossa sociedade. É por isso que o Marcelo Camelo é o poeta da nova geração (até que ele escreve algumas coisas bacanas, apesar de monotemático). Não há memória, não há neurônios. Como diria Bukowsky em um dos seus livros se referindo à música: “Dê merda a esses meninos e eles comem”. E como comem merda, meu caro Bukowsky. As coisas aqui em cima da terra continuam na mesma.

Aliás, as coisas por aqui não andam nada bem seu Jorge. Salinger partiu e Bortolotto se recupera de três tiros. O rock inglês é uma farsa maquiada e as bandas da pesada, você já não ouve mais. Onde foram parar bandas como Detrito Federal, Psychic Possessor, Plebe Rude, Volkanas, Picassos Falsos, Mercenárias, Patife Band? Isso sim era underground. Também gostava do IRA!, mas já viram o que aconteceu com eles? Enfim, a coisa ficou feia nas últimas décadas.

Já notaram que a moda hoje é ser sambista, tocar Chico Buarque, beber pinguinha com feijoada e usar chapeuzinho de malandro? Essa é a nova moda após as bandas de dois caras. Para ser sincero prefiro as monobandas. Mas enfim, há quem prefira as monótonas. Por exemplo: acho Mallu Magalhães uma cantora formidável, com uma capacidade de articulação e raciocínio incomparáveis. Esqueci de avisar que ironia é uma das minhas características. As vezes fico até na dúvida entre escutar Mallu cantando tchuba-tchuba-tchuba, CSN ou aquele disco “Caipirão Classe A” com aquela música “Filho Pródigo” do Júnio e Júlio. Enfim, conteúdo por conteúdo fico com o Júnio e Júlio. Essa música dá um rockão de conteúdo. Meus amigos, dizer que estamos no limbo é apenas um eufemismo para não dizer que estamos realmente fodidos. Bob Dylan, andam usando teu nome em vão por aqui.

Felizmente ainda há alguma esperança nas ladeiras. Ainda encontro sinceridade e arte puramente pela arte quando escuto os acordes de um Pata de Elefante, Acústicos & Valvulados, Radiare, Pullovers, Cascadura, Aerocirco, Violins, Anacronica, Terminal Guadalupe, La Carne, Stone Ferrari, Nevilton, Saco de Ratos, Betty by Alone, Otto e Volver. Já percebeu que a maioria dessas bandas não integra o dito “circuito independente unido” ? Se ligue então e seja um pouco mais crítico quando quiserem te empurrar goela abaixo algumas bandas pomposas escaladas nos grandes festivais independentes.

Pois bem, meus queridos, após tanto blá, blá, blá, vou agora ao que interessa. Vamos desmistificar a Europa no que se refere ao rock and roll e daremos todos os caminhos das pedras para você e sua banda fazerem um som por lá. Te digo, a experiência é fascinante e se você é um artista de verdade, se isso fala mesmo no seu coração, você vai perceber o que estou dizendo. Porém, se você está nessa de querer ser famoso, de tocar junto com o Fresno ou ir dar uma entrevista no Jô Soares, esqueça. Nesse caso é melhor você procurar alguns jornalistas influentes (piada) via Orkut e tentar agendar uma seção lambe ovos para se dar bem.

Eu estou falando de reconhecer e aperfeiçoar a sua própria arte. Eu estou falando de tocar a sua música cantada em português num lugar onde os caras só são capazes de falar tcheco. Eu estou falando de universalidade no mundo da música. Eu estou falando de música sem fronteiras. Se você está afim de saber disso, se gostaria de ter a experiência ou ao menos saber como é que é, vem comigo. Esqueça essa palhaçada de fama, reconhecimento, circuito independente. É preciso se despir, estudar, se aprofundar. Faça a sua parte que o tempo se encarregará do resto.

Primeira Parada: Londres (Inglaterra)

Tocar na Inglaterra e especialmente em Londres é um sonho de qualquer um que faça rock. Quando ancorarei por lá com o meu instrumento ainda não sabia direito o que ia acontecer. A cidade respira rock. As rádios tocam rock. As lojas vendem muito rock. A sensação é voltar aos anos 80, quando as rádios infestavam a sua programação com novas bandas pipocando Brasil afora.

Tocar nas estações de metro é uma boa. Porém é preciso ser registrado junto a prefeitura para não amargar uma fine (multa) por lá. Se você for pego sem a carteitinha a multa é de umas 400 libras. Além disso, os músicos nas estações de metrô normalmente carregam uma parafernália de equipamentos que é difícil para nós brasileiros transportamos.

Em Londres é possível ver o cara com um carrinho de feira transportando um amplificador Marshal que dá conexão à guitarra e aos vocais. Uma sonzeira danada. Alguns gravam até “backtracks” com bateria e baixo e mandam ver. Enfim, se você chegar só com um violão e não tiver como amplificar você vai parecer um mendigo perto dos caras que tocam por lá.

Com o problema da multa e o tempo limitado para poder me cadastrar na prefeitura, me aventurei pela rua mesmo, mas sem o intuito de fazer grana. Fui para a frente do Hyde Park, na avenida Bayswater (26/12/2009) e lá mandei ver minhas músicas para os poucos curiosos que por ali passavam. O frio é um problema severo nessas investidas. As cordas desafinam demais e o povo não pára muito para te dar atenção. Além disso, você não consegue ficar muito tempo tocando, pois as mãos começam a congelar.

Felizmente, Londres não me reservava só a frente do Hyde Park. Por lá encontrei Henrique Laurindo, amigo de longa data e frontman da banda The Tamborines, que há anos vem tentando a sorte na Inglaterra com sua banda. Por intermédio dele descobri o Buffalo Bar (<http://buffalobar.co.uk/>) e o 12 Bar (<http://www.12barclub.co>). Talvez pelo comentário de que Chuck Berry tenha tocado no 12 Bar, lenda está que sinceramente não tive como provar via Google, decidi dar um pulo nesse bar e ver qual era a parada.

Era um domingo, 27/12/2009, e ancoramos no 12 Bar por volta das 20:30 hs. Lá conversamos com a gerência e com a ajuda de alguns cds e dvds, consegui agendar para o mesmo dia uma apresentação abrindo para a banda Beackbeat, que é cover dos Beatles. O palco do bar é super maneiro. É tão apertado que os microfones são apoiados pelo lado externo do palco, dando uma visão surrealista.

Por cerca de meia hora mandei ver as músicas da Inimitável para um público atencioso e muito educado. As palmas vinham fácil após o término das canções, como se houvessem sido ensaiadas previamente. Uma sensação super bacana, tendo-se em conta que os ingleses não entendem um “a” de português. Na sequência, já fora do palco, várias novas amizades e alguns adesivos espalhados em lugares estratégicos. A grande surpresa da noite foi

ouvir o barman dizer que adorava o metal brasileiro, principalmente Sepultura e “ar-di-pi” que após alguns segundos num momento abençoado concluí ser Ratos de Porão.

Em Londres, especialmente na região do metrô Totenhan, onde fica o 12 Bar, há uma série de lojas de instrumentos musicais. Recomendo a todos que tiverem a oportunidade que agendem um pulo por lá. Eu acabei adquirindo um banjo e sem dúvida foi uma das melhores aquisições que já tive oportunidade de fazer. Uma verdadeira barganha. Outra dica são as video aulas e os songbooks. Tá afim de crescer como instrumentista? Então você vai se surpreender com o volume de material que os caras possuem. Para ser sincero, só não toca legal na Inglaterra quem tiver alguns neurônios a menos. Está tudo ali, deglutido. É só sentar na frente da tevê e aprender.



Londres (Inglaterra): Intervenções na “Bayswater Road” e no “12 Bar Club”

Uma coisa que me chocou um pouco em Londres é a questão dos singles. Toda segunda-feira uma penca de singles são lançados no mercado. Muitas bandas, inclusive, duram apenas um single. A coisa por lá é muito comercial e tudo é na base do single. Se o single se der bem numa NME, a banda segue. Caso contrário o esquema mela. As bandas já começam com empresário e tudo mais.

A impressão que dá do rock inglês de hoje é que é tudo muito comercial. Falta coração. Cifra é a intenção. Fontes seguras me informaram que mesmo bandas grandes, como Franz Ferdinand pagam um jabazinho para abrir alguns shows de bandas maiores, como por exemplo, U2. Dizem que o Oasis também pede uma graninha legal das bandas de abertura. Bom, eu não duvido. Abaixo segue algumas sugestões da Inglaterra, que não tentam, em hipótese alguma, esgotar o assunto.

Resumão da Inglaterra

O que ouvir: The Beatles, The Clash, The Who, The Jam, The Kinks, Queen, David Bowie, Cream, Eric Clapton, Blur, The Libertines, Muse, Band of Skulls, etc. Não vou perder tempo com as bandas inglesas afinal são as mais conhecidas da Europa e é fácil descobri-las lendo uma NME, por exemplo.

Onde tentar tocar em Londres: Buffalo Bar, 12 Bar, The Bullet Bar, Sharp's Folk Club, Elixir Bar, Green Note, Monkey Chews. Procure principalemtno por bares na região de Camden Town e próximo à estação de metro Totenhan. Nos metros você precisa de carteirinha. Hyde Park pode ser uma boa para os mais descolados.

O que tomar: Chá e cervejas, especialmente John Smith Extra Smooth e Golden Pride.

O que comer: Café da manhã com bacon, ovos e salsichas. Fish and Chips também é uma boa!

Imperdível: Cruzar a Abbey Road, dar um pulo em Camden Town e visitar a memorabilia do Hard Rock Café. Também vale Exposição de Salvador Dali/Picasso na beira do Rio Tamisa.

Segunda Parada: Paris (França)

Salvador Dalí certa vez falou uma frase que me deixou marcado. Ele dizia que durante o ato da criação não era preciso entender ou dar explicação da sua obra. As pessoas encontrariam algum tipo de explicação para o seu trabalho e tudo ficaria certo no final. Acho esse pensamento perfeito e inspirador. As vezes criamos filtros tão severos que empacamos no maldito bloqueio artístico.

Essa mini-turne vai um pouco de carona nessa ideia do Dalí. A princípio nem eu sabia direito o que estava fazendo. Não entendia o sentido daquilo tudo, do peso de carregar aquele violão. Mas sabia que tinha que fazer. As pessoas dentro de mim foram dando sentido as coisas. Nesse sentido, peço licença a Freud para apresentar as pessoas dentro de mim: id, ego e superego.

O id dizia para eu tocar em qualquer lugar. O ego dizia que eu precisava tocar em lugares expressivos, com bom número de pessoas e registrar tudo para eu me lembrar depois e poder mostrar para os meus amigos. O superego vivia me recriminando, questionando sempre o fato de eu pegar o violão, onde quer que fosse e mandar um rock. Me dizia que era coisa de criança. Mas no final acho que os três se entenderam e concordaram que foi uma experiência única.

A França é um país difícil. Digo difícil no sentido do protecionismo que há em relação à língua francesa. Se recusam, na maioria das vezes a falar inglês ou espanhol. E quando falam, falam a contragosto. Em certo ponto é um hábito louvável. Na minha opinião demonstra um nacionalismo invejável. Na cultura, inquestionavelmente, os franceses são mestres. No cinema basta citar os irmãos Lumière, Godard & Truffaut. Na literatura Proust, Dumas, Victor Hugo, Flaubert, Balzac, Julio Verne, Voltaire e Baudelaire não deixam barato. A arquitetura de Le Corbusier simplesmente mudou a vida do nosso Oscar Niemeyer. Tem ainda um Cézanne e um Matisse para apavorar com as tintas. Enfim, tantos artistas que a memória fica falha.

De quebra, os franceses também estão sempre a ameaçar o nosso orgulho nacional. Qual brasileiro se nega a aceitar que o futebol seja a nossa maior arte? Os franceses sabem bem disso. Querem o nosso trono. E por isso sempre apresentam novos jogadores com o naipe de Fontaine, Platini, Tigana, Trézéguet, Zidane & Thierry Henry. Precisamos ficar espertos. Abre o olho Dunga, essa seleção aí tá dose.

Os cafés franceses exalam charme e Paris por si só é uma música inesquecível. Nas margens do Sena uma infinidade de barraquinhas vendem cultura. Sebos ao ar livre. Impossível não se inspirar na França. Impossível duvidar que Oswald de Andrade conseguiu inspiração para o seu “Movimento Antropofágico” na Place de Cliché, local onde ainda reina absoluto o Moullin Rouge.

Paris, apesar de respirar arte não é rock and roll como Londres. Para tocar um instrumento nos metros também se faz necessário a apresentação das carteirinhas autorizadas pela prefeitura. Se bem que isso não deve ser um problema maior para os franceses. Com o número de pulos de catracas que há nas estações de metrô, habilidade é o que não deve faltar aos franceses para uma fuga dos fiscais. Até velhinho pula catraca por lá. Mas vá lá, o governo não está muito preocupado com isso...

Dois momentos me retornam a memória enquanto digito ao som de um ventilador que imita o som das turbinas de um avião nos meus ouvidos. O primeiro deles foi uma intervenção no vagão do metrô, entre as estações Charles de Gaulle e Bir-Hakein, no dia 31/12/2009. Simplesmente me levantei, peguei o violão e comecei a tocar. A inspiração veio de alguns franceses que ví pedindo alguns trocados enquanto carregavam cachorros e pronunciavam algo como uma poesia em francês, de tão decorado que estava o texto.

Dentro do metrô não me interessava as moedas. Simplesmente queria eternizar um momento único. De imediato, um grupo de romenos que estava por perto começou a bater palmas e a festa foi grande, com todo vagão participando. É claro que nessas intervenções se faz necessário ter algo bem brasileiro preparado debaixo dos dedos. “Garota de Ipanema” e “Aquarela do Brasil” podem te levar ao trono rapidamente. Me virei com meu acervo próprio da Inimitável e, com a ajuda dos Beatles e do Tom Petty, pude arrancar umas palmas entusiasmadas.

Num outro momento, ainda na virada de ano novo, uma intervenção na praça Champ de Mars me deu uma idéia de como a música pode conectar povos. Simplesmente carregava o meu violão quando um grupo de argelinos, afegãos e marroquinos me pediu para tocar algumas canções. De imediato puxei “Na Mochila Cabe o Mundo” e expliquei que era uma música minha. Contei que era compositor. Gostaram, me pediram outras músicas e quando percebi havia uma enorme roda formada, tendo eu e minha esposa, a Dani, localizados ao centro. Temendo algum problema maior emendei outras músicas com avisos de alerta para a Dani, já que a situação parecia ter saído de controle com aquele povo todo nos cercando. Bateu um pavor enquanto cantava e tentamos na malandragem sair de dentro do círculo.

Como o aglomerado de pessoas não entendia português, foi fácil se comunicar com minha esposa e alertá-la que poderíamos ter entrado numa fria. A fria parecia eminente, mas depois vimos que nosso medo era pura ilusão. Ao final, bebemos e conversamos muito com os argelinos e com os marroquinos. Os afegãos, por sua vez, não falavam nenhuma outra língua além da deles e, por esse motivo, a gesticulação foi a linguagem que nos uniu por vários momentos.

Ao final, todos agradeceram o momento e, apontando para o céu, alguns disseram que era Deus que tinha procipiciado o nosso encontro. Os afegãos, em especial, nos beijaram no rosto como é de costume entre eles e deram uma rosa vermelha para a minha esposa. Nos sentimos verdadeiros idiotas por

desconfiar de um povo tão amoroso, sincero e festivo. As vezes, nós brasileiros, precisamos nos despir do nosso senso natural de desconfiança e de esperteza, de maneira a aproveitar melhor as oportunidades únicas que se interpõem com os nossos dias pesados. O Brasil anda tão violento, a insegurança é tão cotidiana que já não sabemos olhar para o próximo sem desconfiança.

Paris pode nem ser tão rock and roll, mas a oportunidade de ligar povos tão diferentes através da música foi uma experiência que ficará marcada na minha lembrança da cidade. Ao invés da bomba, uma rosa. Ao invés de um tiro, um beijo. Um argelino faixa preta em Krav Maga sem um dente da frente já não me causa tanto medo como me causou a princípio. Ainda dá para acreditar que por trás de um ser humano ainda bate um coração. Pelo menos com música isso se torna possível. Agora entendo por que um pessimista como Nietzsche foi capaz, pelo menos por uma vez na vida, de largar todo o seu cinza de lado e dizer que “Sem a música, a vida seria um erro”.



Paris (França): Conjunto de tralhas na estação Galiéni e intervenções no metrô entre o trecho “Charles de Gaulle e Bir-Hakeim”

Resumão da França

O que ouvir: Claude Debussy, Serge Gainsbourg, Édith Piaf, Louise Attaque, Indochine, Téléphone, Daft Punk, Les Démons de Minuit, Noir Désir, Nouvelle Vague, BB Brunes e Carla Bruni.

Onde tentar tocar em Paris: Não faltam praças, igrejas e museus em Paris. Bom tráfego de turistas nesses locais garantem intervenções inusitadas. Para fazer som em bares procure pelos seguintes lugares: Le Galway Irish Pub, Tennessee Bar, The Crazy 8, The Highlander, Lizard Lounge e Le Baroc’.

O que tomar: Qualquer tipo de vinho, do mais barato ao mais caro.

O que comer: Panini, croissant e qualquer tipo de baguete.

Imperdível: Cruzar as margens do Rio Sena para conferir as barraquinhas com livros, discos, posters e artistas. Dar um giro no bairro Montmartre, atrás da Catedral Sacré-Coeur.

Terceira Parada: Amsterdam (Holanda)

Viagem sempre foi um tema recorrente nas letras da Inimitável Fábrica de Jipes. Talvez por isso, o Luiz Cláudio (Gazeta do Povo), tenha nos definido tão bem ao dizer que fazemos um verdadeiro “rock de estrada”. De fato, a temática aparece em “On the Road para São Thomé”, “Vou-me Embora”, “Na Mochila Cabe o Mundo”, “Nas Marés da Vida”, entre outras.

Porém, na minha opinião, a temática realmente se consagra em “Amsterdam”. Percebo o quanto essa música tem sido lembrada pelas pessoas, em especial pelos amigos mais próximos. Considero um marco na minha maneira de compor, pois a música começa alegre, experimenta uma transição e termina sombria, exatamente retratando a viagem.

“Amsterdam” marca uma experiência dolorosa que realmente aconteceu em minha vida. Achei que seria realmente morto e enterrado no Red Light District na oportunidade. Precisava voltar lá e matar os meus fantasmas. E dessa vez, pude experimentar uma Amsterdam diferente, que sem dúvida marcou novamente a minha memória. Amsterdam é assim. Quem vai dificilmente se esquece.

Os holandeses são um povo especial, inteligente, alegre e prestativo. Adoram uma festa. Para aqueles que acham que a cidade só se faz de coffee shops e luzes vermelhas estão enganados. Amsterdam tem muito mais a oferecer. Por lá dá para visitar alguns museus importantes e se ligar porque um Reinbrandt e um Van Gogh são tão conhecidos e apreciados. Visitar a casa da pequena Anne Frank revela uma Amsterdam com cicatrizes, bem diferente da farra habitual moderna.

Talvez o lugar com o maior número de maconheiros por metro quadrado do mundo esteja em Amsterdam. E todo mundo vive de maneira pacífica. Os doidões parecem não ser tão mais doidões assim. É claro que tem aqueles turistas goiabões que viajam em comer o tal do “bolo espacial” e acabam ficando três dias internado em um hospital. Mas no geral Amsterdam é tranquila se você não quiser filmar as damas da noite ou perder o controle nas experimentações que não lhe são de costume.

Antes que me perguntem, você deve estar questionando ai na sua cuca se é caro cair numa viagem como esta. Bom, como já te falei, sai mais barato que trazer o Vanguard (aquele abraço rapaziada) para a sua cidade. Para as tuas contas, se você for sozinho e topando dormir em beliches de albergues, você vai gastar diárias em torno de 15 Euros. Para o rango, se você aguentar segurar o estômago e preparar o rango comprado em mercado você vai gastar mais uns 15 Euros. Para viagens, vale encarar os ônibus da Eurolines.

Ai vai uma dica: Procure encarar viagens noturnas com raios superiores a 500 km, pois assim você economiza uma noite de hotel. Nessa quilometragem você vai gastar algo em torno de 50 Euros. Mas se você for bom de dedo, pode descolar umas caronas maneiras e guardar um trocado. É claro, antes você

precisa chegar no velho mundo. Ultimamente anda saindo mais barato ir para Europa do que ir para o Nordeste ver o Cascadura moendo na Praia de Bogary, o que realmente é uma pena.

Mas voltemos a Amsterdam. A cidade é tão bacana que você se sente em casa após ver alguns malucos tocando por todos os cantos da cidade. Muito cara tocando música folk, de violão e gaita. Com base nessa observação mandei bala sem vergonha alguma na Praça Leidseplein e foi o maior barato. As vezes passavam uns caras chapadões e ficam lá parados de olhos fechados viajando no som. Uma experiência marcante. Em Amsterdam não importa o que você está afim de fazer. Vá e faça, desde que você respeite o próximo.

Após umas andanças acabei descobrindo o bar “The Waterhole” e, por intermédio de inglês gente fina chamado Rory, consegui esquematizar uma apresentação para o dia 04/01/2010. Com o bar lotado e com toda a descontração dos holandeses não foi difícil botar a casa para ferver. Nota 10. Amsterdam é um lugar que todo músico deve experimentar.



Amsterdam (Holanda): Intervenções na “Praça Leidseplein” e no pub “The Waterhole”

Resumão da Holanda

O que ouvir: Anouk, Kame, Herman Brood, Bettie Serveert, The Very Sexuels, The Sugaretttes, De Kift, Focus, Golden Earring, Shocking Blue, Trace, Groep 1850, Kayak, Earth and Fire, Q65, Cuby & the Blizzards, Supersister e Brainbox.

Onde tentar tocar em Amsterdam: Experimente as praças e alguns bares como The Waterhole, Sappho, Shelter Jordan e Skek.

O que tomar: Cerveja Heineken, Amstel e Amsterdam Mariner.

O que comer: Encare um restaurante argentino, pois o rango lá não é dos melhores. Batata frita é o prato típico.

Imperdível: Visitar museu do Van Gogh e a casa de Anne Frank. O Hard Rock café também vale a pena para uma beer e um sanduba.

Quarta Parada: Bruxellas (Bélgica)

Ainda lembrando Dali, me lembro de uma outra fase que também me marcou. Ele dizia que artista não é exatamente um ser inspirado, mas sim aquele que é capaz de inspirar as pessoas. Essa idéia me bateu de cheio. O propósito desse texto é que as pessoas realizem seus sonhos de viagem, façam aquilo que estejam afim de fazer, se motivem lendo essa aventura pelo velho mundo. Muitos podem achar que sair tocando violão por países estranhos seja coisa de criança. E é mesmo, não vou contrariar. Rock é coisa de criança. Mas ser criança é continuar a viver. Ser criança é continuar a ter sonhos. Só a criança erra e segue em frente sem se importar. E por isso aprende.

Em Bruxelas há uma criança fazendo xixi em uma fonte. É o Manequinho, personagem tradicional dessa bela cidade. Além do bom chocolate o que não falta em Bruxellas e na Bégica em especial são marcas de cerveja. Dizem que você pode provar uma para cada dia do ano e mesmo assim faltarão algumas marcas para degustar.

Por ser a capital da Europa, a cidade vem apresentando os problemas típicos de trânsito que também afligem as grandes cidades mundiais. O charme de Bruxellas está concentrado na Grand Place, onde carros não entram. Por lá, uma infinidade de restaurantes e garçons falando os mais improváveis idiomas na expectativa de lhe empurrar um prato a base de frutos do mar. Tudo parece girar em torno da Grand Place, principalmente depois que Victor Hugo disse que essa era a praça mais bonita do mundo.

Do ponto de vista musical a coisa parece meio morna hoje em dia. Também não há muitos bares para ouvir música ao vivo e o rock resiste bravamente no underground com algumas bandas punk. Não importa. Quando você está em Bruxellas vale comer um chocolate e se afogar na cerveja. Dai dá até para arriscar um flamenco com os simpáticos tiozinhos dos bares belgas.

Por lá, no dia 06/01/2010, enquanto minha equipe de fotografia dormia (Dani, minha esposa), me aventurei a tocar na frente da Igreja Sainte-Marie. Fazia muito frio, gelo derretendo sob um céu cinzento e um povo sem paciência caminhando rápido para se esconder do frio. Eu arrisquei ficar por meia hora tocando para algumas pombas companheiras, mas no final acabei desistindo. O frio faz com que as cordas desafinem constantemente e a boca começa a ficar amortecida como se você estivesse saindo de uma sessão de extração dos dentes do siso. O frio queima as mãos e em pouco tempo você está gemendo. Enfim, se arriscar a fazer um som abaixo de zero não é uma boa intervenção.



Bruxelas (Bélgica): Intervenção rápida em frente à Igreja Sainte-Marie, observado pelas pombas belgas, enquanto a equipe de fotografia dormia no albergue

Os melhores dias para tocar nas cidades europeias sem pré-agendamento são domingos, segundas e terças. Como estava fora dessa trinca a solução foi se consolar com algumas cervejas no A La Mort Subite. Enfim, o povo belga me lembra muito os baianos. Tranquilos, desatentos e muito receptivos. Não tem como não voltar com uma boa lembrança da terra dos quadrinhos. Sim, quadrinhos. Se você curte já deve ter ouvido falar das Aventuras de Tintim e Smurfs. São clássicos mundiais de origem belga.

Resumão da Bélgica

O que ouvir: Jacques Brel, Django Reinhardt, Vive La Fête, Flatcat, dEUS, El Guapo Stuntteam, Rocco Granatta, Plastic Bertrand, TC Matic, Maurane, Jo Lemaire, Soulsister, Vaya Con Dios, Zita Swoon, Evil Superstars, Kiss my Jazz, Dead Man Ray, K's Choice, Club Moral, Soulwax, Kate Ryan, Gabriel Rios, Ghinzu, Chainsaw, The Kids, Funeral Dress e Zornik.

Onde tentar tocar em Bruxelas: Bem mais parado o agito por aqui. Mas vale a pena arriscar uma incursão musical pela Grand Place. A herança de Django deixou a cidade marcada pelo Jazz na maioria dos locais com música ao vivo. Se você já está nesse nível, tente uma Jam nos seguintes locais: L'Archiduc, Sounds Jazz Club e Ancienne Belgique.

O que tomar: Qualquer marca de cerveja.

O que comer: Caldeirada de frutos do mar na região da Grande Praça e chocolates de qualquer marca, em especial Godiva. Belgium Waffle também vale a pena experimentar.

Imperdível: Visitar o centenário bar “A La Mort Subite”, nas proximidades da Grande Praça.

Quinta Parada: Berlim (Alemanha)

Acredito que nunca podemos ceifar os sonhos de alguém. Não interessa. Uma vida sem sonhos não é vida, é simples passagem. Quando um jovem pintor, vindo do interior da Austria, foi recusado por duas vezes na Academie der Bildenden Künste de Vienna, o que era para ser a realização de um sonho deu origem a um dos maiores pesadelos mundiais. O jovem, frustrado por não poder aperfeiçoar a sua arte, resolveu entrar para a política. E foi na Alemanha que ele encontrou o seu reinado. O jovem pintor? Ninguém menos que Adolf Hitler.

A Alemanha é um país marcado pela história. Duas guerras nas costas e um muro no coração de Berlim se tornaram definitivamente cicatrizes expostas dos alemães. Impossível não secar a boca, acelerar o coração e escorrer lágrimas dos olhos ao passar sobre as construções da Topographie des Terrors, onde os nazistas arquitetavam seus planos. Impossível não se emocionar com a criatividade dos alemães no Museu Checkpoint Charlie.

Mas o hoje os tempos são outros. Em meio as lembranças do Berliner Mauer (Muro de Berlim) propositalmente deixado em alguns pontos da cidade, floresce uma Berlim moderna e liberada. Percebe-se por ali que o povo ainda está descobrindo a liberdade que lhe foi tirada no passado. Não é difícil encontrar pelas ruas, garotas e garotos usando moicanos verdes ou rosas. E o som da artilharia do passado foi hoje substituído pelo bate-estacas da música eletrônica. Berlim, me deu a impressão de ser o paraíso da música eletrônica.

O que não é eletrônico parece remeter aquele som brega dos anos 80, tipo Modern Talking (e não é que eles são alemães?). Essa sensação veio a se confirmar mais tarde, quando demos um pulo no Irish Pub do Europa Center. Quando o guitarrista tirou um Zoom 505 para usar na guitarra, fiquei pensando: “Putz, o cara mora em Berlim, um berço de tecnologia e vai usar um Zoom 505?. Tá de sacanagem”. Não deu outra, um repertório ultra brega e ultrapassado e a galera lá curtindo e cantando junto. Evidentemente, não rolou uma canja no bar. O local não era adequado e os alemães da banda não foram muito corteses comigo.

O mais louco é que tem muita banda de metal da pesada que vem da Alemanha. Eu particularmente me criei no metal e durante muito tempo consumi muito metal alemão como: Helloween, Kreator, Scorpions e Accept. O metal alemão é aquele clássico, de roupa de couro preta e rebites por todo o corpo. Hoje apareceu o Rammstein, que anda fazendo mais sucesso por um clipe semi-pornográfico do que pela sonzeira.

Enfim. O fato é que no dia, 09/01/2010, um sábado, peguei minhas tralhas e voltei ao Europa Center, onde não havia rolado a canja. E ali, nas proximidades do relógio d'água de 13 metros de altura mandei ver umas canções, ainda indignado pelo ocorrido na noite passada. A coisa ia bem, até eu perceber que o pessoal começou a dispersar. De repente, ouvi um grande grito em alemão que não consegui decifrar. Continuei tocando, fingindo calma

e vendo o pessoal se afastar. Quando olhei para o lado, em busca de algum olhar atento, percebi a equipe de segurança se preparava para me levar em cana. Permaneci firme até o final da música. E quando eles vieram me pegar (percebam o quanto eles foram educados e discretos me esperando terminar a música!) abri um sorriso e rapidamente saquei dois cds de dentro do hard-case em oferecimento.

Me falaram algo em alemão que desta vez eu pude entender. O fato era que não se podia fazer um som ali. Era terminantemente proibido. Expliquei que não era um “busker” e que só estava tentando aperfeiçoar a minha arte. Conteí que estava tentando sentir a sensação das pessoas ao ouvirem uma música em uma outra língua que não a delas. Expliquei que era artista e no meio da falta de entendimento de línguas me liberaram felizes com os cds da Inimitável nas mãos. Tive a sensação de missão cumprida. Pelo menos algumas músicas saíram daquele lugar que no dia anterior haviam me negaram palco!

No outro dia, 10/01/2010 voltei as redondezas do Europa Center e toquei na frente de uma das igrejas mais conhecidas da cidade, a Kaiser-Wilhelm-Gedächtniskirche. Era final de tarde (na verdade lá já é noite no final da tarde durante o inverno) e havia acabado de nevar. O bacana foi pegar as pessoas que saíam do Europa Center. Dessa vez, os seguranças não podiam fazer nada. Como diria Castro Alves, a praça é do povo. E eu complemento, “do povo sempre será”.



Berlim (Alemanha): Intervenções no “Shopping Europa Center” e na praça defronte à Igreja Kaiser-Wilhelm-Gedächtniskirche

Resumão da Alemanha

O que ouvir: Helloween, Scorpions, Tokio Hotel, Rammstein, Atari Teenage Riot, Blind Guardian, Kraftwerk, Kreator, Mad Sin, Modern Talking, Screeching Green Screams, Revolverhead, Jennifer Rostock, Die Ärzte, Die Toten Hosen, Nikko Weidemann, Fehlfarben, Sportfreunde Stiller, Juli, Silbermond, Annett Louisan, LaFee, Cinema Bizarre, Panik e Fräulein Wunder

Onde tentar tocar em Berlim: Arrisque mandar ver no Parque Tiergarten e no Portal Brandenburger Tor, pois lá se concentram o maior número de turistas e o clima não é pesado. Para bares tente procurar pelo The Sesh.

O que tomar: Qualquer marca de cerveja, em especial Berliner e Becks.

O que comer: Salsichas de Frankfurt (wurst), schnitzel (porco empanado), eisbein (joelho de porco) e kebab (não sei porque, mas esse lanche árabe lá é bom demais).

Imperdível: Checkpoint Charlie, Topographie des Terrors, Berliner Mauer e Sex Museum.

Sexta Parada: Praga (República Tcheca)

Desde que li “A Metamorfose”, de Franz Kafka, sonhava em descobrir como seria a vida em Praga. Formado em Direito, Kafka passou a vida inteira dividido pela dualidade (literatura versus direito) e criou obras literárias únicas e enigmáticas abordando os mais diversos conflitos existenciais dos seres humanos.

Me identifico muito com Kafka. Principalmente na dualidade e no amor pela terra natal. Apesar de ganhar a vida no mundo dos números (engenharia civil) é no mundo das letras e dos sons (música e literatura) que descubro a cada dia o grande sentido da minha vida. Além disso, mesmo tendo morado em inúmeras cidades, foi em Maringá que encontrei meu porto seguro. Quiçá, só sairei daqui novamente por algum motivo profissional. Tenho orgulho de ser paranaense. E no Paraná decidí ficar, viver e morrer.

Imagine a Argentina invadir o Brasil e, do dia para noite, todos nós passássemos a ser reconhecidos e tratados como argentinos. Um pesadelo né? Pois a República Tcheca passou por isso várias vezes. Já ficou nas mãos da Alemanha Nazi e depois nas mãos da extinta União Soviética. O país só voltou ao seu “estado natural” em 1992, quando a então Tchecoslováquia se dividiu em República Tcheca e Eslováquia.

A despeito dos problemas políticos, a República Tcheca é um dos países mais bacanas que tive o prazer de conhecer e tocar. E isso se deve principalmente à doçura e generosidade do seu povo. É difícil encontrar um tcheco que fale inglês ou espanhol. Porém, isso para eles não é empecilho para tentar uma comunicação. Não raro, me comuniquei na base da mímica e fingi entender um pouco de tcheco. Em todas as oportunidades as situações foram das mais agradáveis e divertidas.

Me lembro que ao chegarmos em Praga, debaixo de um frio de menos 17°C e camadas de gelo de 40 cm pelas ruas, decidimos dar uma volta e tomar uma verdadeira cerveja tcheca para comemorarmos a proeza de conseguir achar o albergue. Sem entender tcheco, sem ter coroas tchecas no bolso (eles ainda não adotaram o Euro), carregando uma série de malas pesadas (parecíamos esquimos) e sem saber direito para onde ir, imagine a felicidade de poder encontrar um porto seguro no meio da noite para poder ancorar.

Saímos do albergue e na próxima esquina já havia um boteco. Pedimos uma Grambinos e começamos as atividades. Após algumas horas o barman (grande Boris) e a cozinheira (Pietra) já estavam bebendo conosco e arranhando uma mistura de inglês com tcheco/alemão que era difícil entender. Presenteamos os tchecos com uma bandeira do Brasil e eles que imediatamente arrumaram um jeito de fixá-la na parede. Daí viria o melhor.

Um senhor de 70 e seu filho na faixa dos 40 também bebiam no bar. Ao verem a bandeira do Brasil levantaram e vieram em nossa direção falando tcheco sem parar e gesticulando muito. Não entendíamos nada, mas dava para

perceber que devia ser coisa boa. Falávamos algumas frases em inglês e eles também não entendiam. Quando o senhorzinho me deu um abraço caloroso, de irmão mesmo, e me deu um beijo no rosto tive a certeza que nós brasileiros somos muito queridos mundo afora. Ele apontava para a bandeira do Brasil e seguia falando tcheco. Eu fazia jôinha para ele e batia um timentim com os copos de cerveja para comemorar. Fechamos o bar e voltamos para o albergue pensando: “Que doidera de país é esse?”. Só fazia algumas horas que tínhamos chegado e já tínhamos passado por uma experiência totalmente maluca!

No outro dia, conhecemos melhor o albergue e também o recepcionista. Sócrates era um romeno chapadão, cabeludo fã de heavy metal que permanecia mal humorado 24 horas por dia. Mas no fundo o cara era legal. Ficou mais receptivo quando disse para ele que tínhamos tido um craque na seleção com o nome dele. E ele disse: “I know. He was verrrry good”, com aquele inglês lascado estilo Al Pacino em Scarface.

No café da manhã, ainda no albergue, conheci um iraniano boa praça, que infelizmente não lembro o nome, mas que era dono do Brick Bar Music Klub. O Brick Bar (<http://www.brickbarmusic.com>) é um verdadeiro porão nas dependências do Hotel A&O. Esse porão é um dos lugares mais maneiros que vi na vida, com uma arquitetura fascinante. Todo decorado com tijolinhos e muitos arcos passando para sustentar a laje. Pela manhã servem café aos hóspedes do albergue e durante a noite o bicho pega fogo com diversos shows. Gente do mundo inteiro toca por lá.

Mas o fato é que lá no Brick Bar agendei uma apresentação para noite, aproveitando que a agenda do bar estava incrivelmente liberada naquela noite (11/01/2010). Com o palco inteiro a minha disposição mandei todo o repertório da Inimitável e fechei tocando uma série de hits com a Dani. Praticamente 2h30min de sonzeira no porão do Brick Bar. Nos pagaram várias bebidas após o show e fizemos muitas amizades. O absinto desceu fervendo na goela e as lágrimas vieram aos olhos. Não de emoção, mas porque o lance é forte mesmo.

Aí vai uma dica quente, ainda se tratando de Brick Bar. Como o bar fica no porão do albergue, você pode entrar em contato previamente, agendar um show e garantir um local para dormir, almoçar e jantar em Praga. É tudo interligado e tudo o que você precisa fazer é descer as escadas para fazer seu som. Arrumar cachê difícil, mas também sejamos sinceros: Quem hoje no Brasil paga cachê, dá hospedagem e rango para uma banda em ascensão? Então arruma tua mala e vai. É lembrança e história para o resto da vida.

Defino Praga brevemente como sendo a capital dos botecos. Em cada quadra há um a sua disposição. Não fosse o frio danado que dá as caras e frita a gente, até que dava para viver por lá numa boa. O cenário musical é agitado e interessante. Em especial, se destacam as cenas punk, metal e hip-hop. Impressionante ver os tchecos mandando ver aqueles raps cantados na língua deles, que para nós é impossível falar. O barato por lá é improvisar com objetos que são colocados dentro de sacos e tirados aleatoriamente. No

metal, basta dizer que os grandes nomes do metal em turnê conjunta (Metallica, Megadeth, Anthrax e Slayer) esgotaram em um dia de vendas todos os ingressos por lá.



Praga (República Tcheca): Apresentação no “Brick Bar Music Klub” e Intervenção Instrumental na “Estação Nádraží Holesovice”

A República Theca, além de Kafka e da boa cerveja também produziu bons frutos no esporte. Apesar do hoquei no gelo e do futebol serem os esportes mais difundidos, é no tênis que o país tem sua projecção internacional. Creio que você já tenha ouvido falar, por exemplo, de Ivan Lendl e Martina Navrátilová.

Enfim, Praga e seu povo são um povo a parte dentro do mapa europeu. Junto com os holandeses e com os italianos, talvez sejam os povos mais parecidos com nós brasileiros. O único detalhe ruim fica por conta da língua mesmo, que dificulta estabelecer um entendimento mais profundo desse povo tão especial.

Finalmente, no dia 14/01, já com as malas na Estação Nádraží Holesovice e aguardando o trem para Vienna, aproveitei o grande silêncio para testar um repertório instrumental, que provavelmente será lançado em disco pela Inimitável. Com a equipe de reportagem (Dani) mais uma vez dormindo (dessa vez desconfortavelmente em um banco de madeira) aproveitei para refinar e sentir o efeito de diversos sons instrumentais, como “Flamboyant” e “Chapéu de Palha”. Essa é uma das melhores estações da Europa para se tocar, tendo-se em vista o bom fluxo de pessoas e o silêncio inexplicável que por lá paira.

Resumão da República Tcheca

O que ouvir: Kábat, Harlej, Škwor, Plastic People of the Universe, Silent Stream of Godless Elegy, Master's Hammer, Jig-Ai, Chinaski, o5 & Radeček, Prohřála v kartách, Ewa Farná, Čechomor, Traband, J.A.R., Vítkovo kvarteto, ORLÍK, Krucipůsk e Daniel Landa.

Onde tentar tocar em Praga: Brick Bar Music Klub na cabeça. Mas também vale a pena tentar os bares Kavarna, Rock Café, Roxy Club, Blues Sklep e Irish Pub James Joyce. Para locais públicos, se você estiver no verão, tente passar um tempo tocando na ponte Charles Bridge. É lá que se reúnem os artistas da cidade.

O que tomar: Qualquer marca de cerveja, em especial a Gambrinos por ter o nome mais fácil de memorizar. As marcas mais populares são a Lzenský Prazdroj, a Budvar e a Velképopovický.

O que comer: Carne com cerveja são a pedida por lá. Tente encarar os masitá jídla (pratos com carne) que podem ser do tipo veprová (porco), hovezi (bife) e klobasa (salsicha), todos com molhos muito fortes.

Imperdível: Staroměstské Náměstí (Old Town Square), Franz Kafka Museum, Charles Bridge e Dancing House.

Sétima Parada: Vienna (Áustria)

A primeira impressão que se tem ao cair em Vienna, vivendo o papel de músico sem educação formal, é uma verdadeira vergonha de tocar. Querem levar um som na terra de Mozart, Strauss, Haydn, Schönberg e Schubert é no mínimo uma tremenda ousadia. Além disso, por lá tocaram e morreram compositores do naipe de Beethoven, Brahms e Vivaldi.

A cidade respira música clássica e não há como não sair de lá querendo aprender alguma valsa vienense. Mas nem tudo é música na Áustria. A galera de ultra-direita e seus discursos pró-nazistas volta e meia dá as caras e quer tocar o terror. Até pouco tempo, no governo de Joerg Haider, verificava-se por lá uma postura política totalmente xenofóbica.

O país do Niki Lauda é bem legal e super organizado, apesar dos probleminhas anteriores. O frio, talvez outro problema, tenha levado Arnold Schwarzenegger a se mudar para a Califórnia. E se tratando da terra de Hitler e tantos outros indivíduos singulares, não é de se espantar que Freud, também austríaco, tenha fundamentado grande parte de seus pensamentos em Vienna.



Vienna (Áustria): Intervenções simples na “Estação Meidlinger”, apenas para não perder o hábitoda pegada

Não há muitos bares por lá e sinceramente a juventude me pareceu velha e sem vida. A diversão é basicamente baseada em shopping center e karaoke. E nos shoppings não é raro ver pessoas portando seus cachorros. Mas não são cachorrinhos pequenos não. Lá a galera sai para almoçar carregando pastores e outras raças de grande porte. Os cachorros por lá são educados, tal como seus donos austríacos.

Enfim, a cidade é linda, mas a parada diversão foi tão morna por lá que não vou perder muito tempo descrevendo o que há. A televisão, com suas propagandas de tele-sexo pelo menos me serviu para decorar os números em alemão. Tirando isso, só me volta à memória três bibas japonesas cantando as

músicas da Lady Gaga e do Kings of Leon, com direito até a coreografia ensaiada previamente. As vezes, também me pego cantando aquela música, “Jessie”, do Joshua Kadison. Cantaram tanto no karaoke que não tive como não decorar. Dá para crer? É nós num karaoke gay de Vienna. Desculpa aí Mozart, mas cadê o rock and roll?

Para não passar despercebido, tive que mandar um rock na Estação Meidlinger. Mas foi mesmo só para registrar a passagem por lá. Pelo menos os austríacos apreciam alguma coisa além de karaoke e música clássica. O mais maneiro foi ouvir um cara me pedindo para tocar “Knocking on Heven’s Door”. Enquanto cantava, num inglês improvisado por não lembrar a letra, saquei o cara fechar os olhos e balançar a cabeça curtindo a levada. “Danke” foi o que o cara falou e em seguida saiu apressado para não perder o próximo metrô. Vienna é tão clássica que me dá calafrios. Melhor voltar para o hotel e tentar decorar os números em alemão: “eins, zwei, drei, vier, fünf...”

Resumão da Áustria

O que ouvir: Mozart, Haydn, Schubert, Straus, Berg, 3 Feet Smaller, Binder & Krieglstein, Eela Craig, Excuse Me Moses, Jetzt Anders!, Luttenberger Klug, Mondscheiner, SheSays e Whispers in the Shadow.

Onde tentar tocar em Vienna: Arrisque os bares Einbaumoebe, The Shack Bar e o evento Vienna's International Poetry Open-Mic. A coisa é parada por lá. Se descobrir algum pico legal me dê um toque. Para intervenções públicas tente arriscar na frente da Igreja Stephansdom.

O que tomar: Mande várias Krug Bier. Você vai precisar de muitas por lá para matar o tédio noturno e a falta de bares de rock.

O que comer: Wienerschitzel (filé de vitela, empanado em ovo e pão ralado) e sachertorte (bolo de chocolate). Kebab aqui também vai bem.

Imperdível: Complexo Hofburg, Ringstrasse, Sigmund Freud Museum, Haus der Musik e alguns concerto de música clássica (cuidado com os trapaceiros!)

Oitava Parada: Roma (Itália)

Ao chegar em Roma tive a sensação de estar ancorando em São Paulo. Muitas paredes pichadas, povo falando alto e correndo sabe lá para onde. A sensação de cagaço ao chegar numa cidade grande brasileira é semelhante àquela de se chegar em Roma. Pedintes pelos lados, pessoas chapando a cabeça com álcool, pequenas confusões por trocados. Enfim, senti que estava no Brasil ao chegar na Itália. Mas isso ainda seria só o começo.

Como não se emocionar num dos países que mais teve e tem influência na cultura européia e mundial? Foi lá que surgiu o Renascimento e o Barroco. De lá também brotaram algumas figuras de calibre, tais como: Michelangelo, Leonardo da Vinci, Donatello, Botticelli, Fra Angelico, Tintoretto, Caravaggio, Bernini e Ticiano. Rafael, fonte de inspiração para os meus pais também é italiano.

Os italianos simplesmente bagunçaram, no bom sentido, com a pintura, escultura e arquitetura. De quebra ainda fizeram barulho na literatura, na ciência e na música. Tá ligado o soneto? Foi inventado lá. Dante Alighieri e sua Divina Comédia também. Maquiavel pensou muito por lá, junto com Galileu, Leonardo, Lagrange e Fibonacci. Monteverdi inventou a ópera por lá. E Vivaldi e Paganini nos deram uma aula a parte sobre composição. Tem ainda por lá um Federico Fellini e um Bernardo Bertolucci, que no cinema abriram as jaulas para feras como Sophia Loren e Marcello Mastroianni.

E como não falar de futebol estando na Itália? São tão fanáticos como nós brasileiros. Jornais e televisão são monotemáticos. Só se fala de futebol nesse país? O primeiro ministro, o polêmico Berlusconi é dono do Milan. Como pisar na Itália e não se lembrar de Paolo Rossi? Eu era moleque e sofri para caramba. Doeu. Era 1982. Em 1990 pintou um Toto Schillaci, que junto com o Careca me davam pura fonte de inspiração para comandar o ataque do Gremínio. Em 1994, veio o Baggio. Dessa vez foi gostoso. A bola foi parar lá no céu. O Brasil seria novamente campeão naquele ano. Paolo Rossi já não era um nome tão ruim de se lembrar. A ferida parecia estar cicatrizada.

Mas voltando a viagem, Roma é um verdadeiro museu a céu aberto. Sob a orientação da Roberta, uma grande amiga italiana e antropóloga de profissão, e de seu marido Antonello, músico trompetista de Jazz, pudemos ter uma visão diferenciada e privilegiada de Roma, conhecendo o buraco dos morcegos. Por meio deles, por exemplo, chegamos ao Circolo degli Artisti (<http://www.circoloartisti.it/>), onde em poucas semanas se apresentaria, por exemplo, Buzzcocks. É ou não é uma toca de morcegos? Estilo Tribão aqui em Maringá. Juninho, aquele abraço!

Depois resolvemos encarar o bar The Fiddler's Elbow. Tomamos algumas beers e deixamos esquematizada uma apresentação num Open Mic que ocorreria no outro dia. Então, no dia 21/01/2010, sentamos e aguardamos com paciência o momento de apresentação das músicas da Inimitável para os italianos. Muita

gente boa passou por lá antes, mas faltava aquele tempero brasileiro, aquele desenvoltura que nos é típica.

Quando fui informado que o filho de um dos guitarristas do Thin Lizzy (eu usava uma camiseta deles) havia sido gerente do bar, o sangue ferveu e toquei decidido a botar fogo o bar. E foi assim por mais ou menos 1 hora, intercalando as músicas da Inimitável e de bandas como Tom Petty, Beatles, The Who, Travelling Wilburies, Everclear e o próprio Thin Lizzy. Ao final, a Dani ainda grudou o microfone e fechamos com Pearl Jam e IRA!. Os italianos e suas Peronis ficaram felizes da vida e ao final fomos todos expulsos do bar. Literalmente. A dona, uma irlandesa braba, não deu arrego para ninguém e mandou todo mundo para casa dormir.

Uma coisa que ficou clara na Itália é que você tem que ter convicção no que faz. Se nem você se empolga com a sua própria música, como você quer que o seu ouvinte se empolgue? Outra coisa é animar o show com músicas conhecidas. O cover é indispensável onde não te conhecem e ele é a porta de entrada para ganhar o público e tocar os seus próprios sons. Dinâmica é o terceiro efeito. Não dá para parar e ficar afinando ou tentando lembrar uma música. As músicas devem ser encadeadas sem dar tempo para galera pensar. A estrada mostra algumas pérolas. É preciso estar atento para pegá-las.



Roma (Itália): Apresentação derradeira no pub "The Fiddler's Elbow"

E assim, exausto de ficar carregando meu violão e uma série de malas pesadas durante um mês, sob temperaturas abaixo de zero e molhado de tanto fincar o pé na neve, tive pela primeira vez a sensação de que a missão estava realmente cumprida. Agora tudo fazia um pouco mais de sentido. E não havia lugar melhor para enquadrar a Itália estar nessa mini-turnê. Roma foi a chave de fechamento, a lembrança de que vale a pena meter uma idéia na cabeça e batalhar por ela.

Não interessa o fato de eu ser um músico desconhecido em meu país. Não interessa o fato de nunca ter tocado para um estádio lotado. Não importa se a minha banda não sai com frequência em jornais, revistas ou televisão. Não importa se a minha banda nunca vai ser convidada para tocar num festival da ABRAFIN. Não importa se o Lúcio Ribeiro não cita a minha banda no blogue dele para que o batalhão de sem opinião chegue até nós. Não importa porra nenhuma. Vamos seguir compondo, gravando e batalhando aqui no meio do mato. O mato se chama Maringá e cada vez que saio apenas constato que aqui é um dos melhores lugares do mundo. E, por favor, quando eu morrer, apenas escrevam na minha lápide: “Jazz aqui alguém que cantou pelo velho mundo”. E se a lápide custar caro e a grana do ECAD que nunca entra ainda estiver em falta, me cremem e joguem minhas cinzas nas águas do Parque do Ingá. Pode ter certeza que a vida valeu a pena.

Resumão da Itália

O que ouvir: Vivaldi, Negramaro, Verdena, Fabrizio de Andre, Subsonica, Le Vibrazioni, Negrita, Vannila Sky, Lacuna Coil, Skianto, Diaframma, CCCP, Vasco Rossi, Starfuckers, Massimo Volume, Marlene Kuntz, Madrigali Magri, Afterhours, Uzeda, Elio E Le Storie Tese, Ordo Equitum Solis, Julie's Haircut's, Paolo Conte, Raw Power, Confusional Quartet, Jennifer Gentle e Banco del Mutuo Soccorso.

Onde tentar tocar em Roma: Para bares tente The Fiddler's Elbow, Circolo degli Artisti e Druids Rock Pub. Para exibições de rua encare a Piazza Navona.

O que tomar: Mande ver Nastra Azzurro e Peroni.

O que comer: Massa, massa e massa. Qualquer tipo. Sorvete caseiro também é imperdível.

Imperdível: Colosseum, Vaticano, Fontana de Trevi, Pantheon e Piazza Navona.

Equipamentos de Viagem e Dicas em Geral

Muitos perguntam o que levar para uma viagem como estas. Essa é uma boa questão. Normalmente as companhias aéreas te deixam levar duas malas com no máximo 30 kilos. É muito para você, caro aventureiro. Faça o seguinte. Separe duas calças jeans, uma boa blusa, cinco camisetas, sete cuecas e sete meias. Separe principalmente adesivos, pois pesarão menos e vão repercutir mais.

Nessa pequena turnê levei os seguintes itens adjacentes à vestimenta e material de saúde: hard-case, violão, cabo, alça, gaita com respectivo suporte estilo Bob Dylan (esse sim é uma boa referência para sair tocando em qualquer lugar!), 3 palhetas, 100 adesivos, 50 cds e 20 dvds. Sinceramente, prefira um soft-bag ao invés de um hard-case para transportar seu instrumento. Ele vai pesar menos e ajudar numa caminhada longa em que você precisa carregar as suas malas. Fique atento e leve encordoamento sobressalente. Você vai perceber que não é tão fácil encontrar lojas de instrumentos musicais por lá como é por aqui.

Leve apenas alguns poucos Cds. Eles pesam muito na viagem e só ajudam mesmo na hora de esquematizar alguns shows. Percebi que os adesivos, que informam o site da banda, funcionam melhor. Além disso você pode deixar alguns colados em alguns pontos estratégicos. Enfim, adesivos na viagem são sempre um ótimo investimento.

Caneta e caderninho de anotações também são fundamentais. Sempre vai pintar alguma inspiração para novas letras experimentando tanta cultura e informações na sua cabeça. Se você tiver um iPod, melhor ainda, pois assim você, além de anotar suas tralhas, também poderá procurar com facilidade os melhores pontos para tentar se apresentar. Se você optar por se apresentar somente em praças e metrô, valem algumas dicas importantes que resultaram da minha pesquisa e experiência nas ruas:

1. Escolha um local onde você seja visível no maior número de direções possível. Isso ajudará as pessoas a entenderem de longe o que você está fazendo e dará tempo a elas para procurarem algumas moedas nos seus bolsos (caso você queira isso, além da arte pela arte). Se elas te virem repentinamente, apenas por alguns segundos, caso você esteja escondido atrás de alguma coisa elas terão apenas alguns segundos para pensar sobre te dar alguma moeda ou atenção.

2. Seja criterioso quanto a escolha do seu local e evite tocar nas redondezas ou na vaga de algum músico da cidade. Digamos que há um código de ética entre o pessoal que se apresenta nas ruas (“buskers”) em busca de uns trocados e você pode arrumar alguma encrenca. Também evite parar nos caminhos de acesso de cadeirantes e de carrinhos de bebês. Tocar na frente de restaurantes também não é uma boa opção.

3. Lojas com boa frequência de público que estejam fechadas nos finais de semana também são uma boa alternativa. Não há ninguém para te impedir de fazer o seu som e muita gente vai até lá achando que a loja está aberta.

4. Não se preocupe, ao escolher uma determinada área, se ela tem pouca ou bastante gente trafegando. As vezes, lugares mais desertos podem te render maior atenção já que as pessoas que por ali trafegam não estão acostumadas com tais intervenções. As pessoas vão se sentir especiais e boas surpresas podem acontecer.

5. Procure escolher um local silencioso para tocar, de maneira que as pessoas possam te escutar. Normalmente, praças frontais de igrejas fornecem esse tipo de situação. Corredores de metrô também são excelentes para se conseguir uma acústica maneira. Algumas estações de metrô e trem também são maneiras, a despeito do tráfego das máquinas que as vezes te interrompem.

6. Lembre-se que alguns pontos são explicitamente proibidos se você não tiver uma carteirinha. Porém, onde não tiver a devida informação não pergunte para ninguém. Chegue tocando sem pedir permissão e siga em frente. Caso alguém venha te afrontar use a educação e se desculpe. Dificilmente você vai ficar em apuros. Não corra, afinal de contas correr pode significar culpa. Continue tocando (quase parando) como se não houvesse problema e apenas diga que “não sabia que era proibido”. Usei a técnica em Berlim e ela realmente funciona numa situação de apuros.

7. Sempre carregue uma garrafinha de água para poder hidratar a garganta.

8. Se as pessoas perguntarem como ouvir o seu som na internet tenha um adesivo ou algum outro mecanismo promocional para fazer o ouvinte chegar a você.

9. Alguns músicos de ruas são verdadeiros bastardos. Um riff simples do Michel Jackson, na atualidade, pode trazer uma multidão até você. Não usei a técnica, mas vi alguns empregarem. Funciona. Tenha alguns Beatles e Creedence debaixo da manga. Isso também vai te abrir grandes portas.

10. Crianças são sempre uma surpresa a parte pela grande curiosidade. Brinque com elas enquanto toque. Você estará ajudando o rock a manter a sua força no futuro e o pai empolgado com a alegria de seu filho poderá querer comprar um cd da sua banda. Se for adolescente ofereça seu instrumento para ele fazer um som, caso o mesmo esteja olhando muito interessado. Quem não gostaria de estar andando, topar um figura que canta legal e ainda tocar no violão dele?

11. Procure ter um repertório ensaiado e siga tocando as músicas emendadas umas atrás das outras. O repertório da Inimitável já vem sendo tocado há vários anos, logo foi fácil seguir sem precisar olhar alguma ficha de anotações. Se você sentir que a galera está desmotivada, mande um clássico sem pestanejar, pois vai ajudar a manter a atenção. Use muito contato visual e

dance. Os europeus não dançam e vão se surpreender com a nossa maneira mais descontraída de ser.

12. Se você parar de tocar e mesmo assim alguém continuar parado esperando, pergunte se essa pessoa tem algum pedido especial. Mesmo que você não se lembre direito, tente imitar o som e saia cantando. A pessoa ficará feliz pela atenção e pela tentativa. Usei a técnica em Vienna quando um cara me pediu “Knocking on Heaven’s Door” do Bob Dylan. Não sabia a letra direito mas mesmo assim mandei bala. O cara só falava austriaco, logo não percebeu direito a embromação. Foi embora para casa feliz da vida.

13. Percebi que alguns músicos de rua fazem pressão colocando moedas de grande porte nas suas bolsinhas para chamar atenção do público e fazer com que eles dêem moedas do mesmo porte. Em outros casos, eles combinam com alguém da platéia para por uma nota alta. Dessa maneira, as pessoas ao redor se sentem forçadas a colocar um dinheiro alto. Como meu lance era só artístico não experimentei isso. Mesmo porque isso é nitidamente crime e pode te colocar por trás das grades.

14. Outros músicos colocam cigarros, passes de metro, barras de chocolate e o que mais a criatividade determinar. Me parece que as pessoas se sentem mais atraídas a dar uma espécie de presente qualquer do que moedas. Me parece uma situação bacana apesar de não ter testado.

15. Se você for daquele aventureiro que está pensando em fazer dinheiro, vou dar duas dicas. A primeira é que você dificilmente vai fazer dinheiro tocando só suas músicas, como eu fiz. Prepare uma série de covers daqueles de balançar quarteirão e aí sim tente a sorte. Em segundo lugar, fique esperto com os batedores de trocados. As vezes você pode correr atrás de alguém tentando reaver o seu dinheiro e perderá os equipamentos que deixou para trás. Normalmente as gangues trabalham organizadas e enquanto um corre os outros aparecem para recolher o que você deixou com a sua desatenção enquanto corria atrás do gatuno. Deixe o cara correr com a grana, pois o prejuízo pode ser menor.

16. Em último lugar, acredite no que você está fazendo. Tenha convicção sobre a sua proposta e não se preocupe tanto com as palmas. Tenha um show preparado, ensaiado e vá refinando com base no comportamento das pessoas. Use a oportunidade para crescer como músico e pessoa. Aprenda a cantar cantando. Aprimore o contato visual. Solte seu corpo e dance se a música pedir. Enfim, faça o que o seu coração mandar. Tocar em uma praça do nada pode ser tão emocionante como abrir o show de uma grande banda na sua cidade. Afinal, ser artista é uma coisa. Ser famoso é outra. Afinal, o que você quer experimentar?

Ranking Pessoal

Basicamente, esse é o meu ranking experimental pessoal em relação as capitais européias que estive. O ranking leva basicamente em consideração o calor humano e a receptividade das pessoas nos lugares em que toquei. Não visa em hipótese alguma estabelecer um ranking geral, mas apenas um registro histórico da minha experiência. De qualquer maneira, poderá servir de parâmetro para você se aventurar e colocar algumas dessas capitais no seu roteiro.

1° - Roma

2° - Amsterdam e Praga

3° - Londres

4° - Paris

5° - Berlim

6° - Bruxelas

7° - Viena

Resumo da Turnê

26/12/2009 - Londres (Inglaterra), Intervenção livre na Avenida Bayswater.

27/12/2009 - Londres (Inglaterra), Apresentação no 12 Bar Pub.

31/12/2009 - Paris (França), Intervenção livre na linha de metrô Charles de Gaulle/Bir-Hakein.

01/01/2010 - Paris (França), Intervenção livre na praça “Champs de Mars”.

03/01/2010 - Amsterdam (Holanda), Intervenção livre na praça Leidseplein.

04/01/2010 - Amsterdam (Holanda), Apresentação no bar “The Waterhole”.

06/01/2010 - Bruxellas (Bélgica), Intervenção livre em frente da Igreja Sainte-Marie.

09/01/2010 - Berlim (Alemanha), Intervenção no Shopping Euro Center.

10/01/2010 - Berlim (Alemanha), Intervenção em frente da Igreja Kaiser-Wilhelm- Gedächtniskirche.

11/01/2010 - Praga (República Tcheca), Apresentação no Brick Bar Music Klub.

14/01/2010 - Praga (República Tcheca), Intervenção Acústica na Estação Nádraží Holesovice.

17/01/2010 - Vienna (Áustria), Intervenção na Estação Meidlinger.

21/01/2010 - Roma (Itália), Apresentação no bar The Fiddler’s Elbow.

Agradecimentos

A Inimitável Fábrica de Jipes e eu, em especial, gostaríamos de agradecer a todos aqueles que acreditam no rock como uma forma autêntica de expressão artística, em especial: Sandro Saraiva, Carla Teixeira, Ioná Souza e Emilia Carmineti (Sesc Vila Mariana), Adriana Aranha (Revista Etecetera), Fernando Rosa (Senhor F), Andye Iore & Zombilly, Janny Lima & Programa Credencial, Luiz Claudio Oliveira (Gazeta do Povo), Rodrigo Juste (Folha de Londrina), Marcelo Costa (Scream and Yell), Humberto Finatti (Revista Dynamite), Alexandre & Loaded E-Zine, Beto Vizotto & Paraíso do Rock, Alexandre Gaioto, Lizandra Gomes (Programa Garagem), Flávio Sonic Flower, Thiago "Espora de Galo", Ronaldo Gravino e Ordem dos Músicos do Brasil, ECAD, ABRAMUS, Paulinho Shoffen & Cottonet Clube, José Luiz Menegatti (Rádio Jovem Pan, São Paulo), WPGU Radio Station (Urbana-Champaign, EUA), Jornal Destak, Revista O Grito!, Terence Machado & Programa Alto Falante, Maringuaça Rockast, Bulla Jr., Mano e Blues Brothers, Junior Tribo's, ao Nilson Souza, Cristiano Franco, Maycol Alencar e Igor Grande (nossos ex-inimitáveis), Stone Bomber, Art Alexakis & Everclear, Eddie Spaghetti & Supersuckers, Ian MacKaye & Fugazzi, Alice Ruiz, Rubens K., Heraldo Paarman, Roger Moreira & Ultraje a Rigor (Obrigado pelo Chiclete!), Dary Jr & Terminal Guadalupe, Nevilton, Aerocirco, Anacronica, Wander Wildner, Autoramas, Faichecleres, Relespública, Astronauta Pinguim & Thunderbird, Vanguard, Charme Chulo, Bufalos d'Água, Cascadura, Pullovers, Betty by Alone, Seres Inteligíveis, Família Palim, Bandidos Molhados, Havana 55, Tiny Cables Ink, Hiroshima me Devora, Brian Oblivion, The Tamborines, Prof. Astromar e os Criadores de Lobisomen, Dedo de Moça, Cash in Flowers, Hospital Doors, Fanzine Rock, The Cockroaches, Stoned Beavers, Stoned Sensation, Copacabana Pé Vermelho, Patriotas do Rock, Ted Gugu, The Soundscapes, Radio Pandas, Pandora, Holder e tantas outras bandas que agora nos fogem da memória, aos nossos familiares e finalmente ao nosso Grande Amigo Lá de Cima, por sempre nos possibilitar tantas alegrias nas vitórias e tantas superações nos momentos de dor. O rock salva. Todo mundo é Inimitável.

Rafael Souza, Maringá, Verão de 2010